

coleção
educação literária

Os Piratas - Teatro

E se, de repente, te visses a bordo de um navio de piratas? Não fazes ideia de como foste lá parar, só sabes que tens de salvar a tua mãe, mas o Capitão toma-te por um dos seus grumetes... No meio do desespero, acordas e pensas que tudo não passou de um terrível pesadelo. Mas logo te apercebes que ainda trazes na cabeça o lenço vermelho de pirata... Terá sido sonho ou realidade?

A coleção **Educação Literária** reúne obras de referência da literatura portuguesa e universal indicadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.

FNAC - 15 31/12/2015
MUNDO LEITURA > 10 ANOS 310311



9799720726773

PINA, MANUEL ANTONIO
PIRATAS (OS)

PREÇO FNAC € 11,00

Porto
Editora

Manuel António Pina

Os Piratas

Teatro

Manuel António Pina

LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Metas Curriculares
Leitura
obrigatória
6.º ano

Os Piratas - Teatro



Porto
Editora

Manuel António Pina

1943-2012

Jornalista e escritor, Manuel António Pina nasceu em 1943, no Sabugal, e faleceu a 19 de outubro de 2012, no Porto. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1971, exerceu advocacia e foi técnico de publicidade. Abraçou, depois, a carreira de jornalista no *Jornal de Notícias*, onde exerceu o cargo de editor. Autor de livros para a infância e juventude e de textos poéticos, entre outros, a sua obra reflete uma enorme criatividade. Brincando com as palavras e os conceitos, Manuel António Pina liberta a imaginação de quem lê, ao mesmo tempo que transmite os mais importantes valores da vida. Com uma vasta e diversificada obra, de que são exemplos *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas* (1984), *O Têpluquê* (1976) ou *Os Piratas* (1986), foi reconhecido e premiado várias vezes ao longo da sua vida, como em 2011, ano em que lhe foi atribuído o Prémio Camões.

Os Piratas

Teatro

Os Piratas – Teatro

Autor: Manuel António Pina
Ilustração: Carla Manso

© Porto Editora, 2014

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sem prévia autorização escrita da editora.

Este livro respeita as regras do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

 Porto
Editora

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

MAI/2015

Execução gráfica Bloco Gráfico, Lda. Umidade Industrial da Maia. Sistema de Gestão Ambiental certificado pela APÇER, com o n.º 2006/AMB 258

DEP. LEGAL 376299/14. ISBN 978-972-0-72677-3



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Os Piratas

Teatro

Manuel António Pina

A presente obra constitui a adaptação para teatro da novela *Os Piratas*, de Manuel António Pina.

A adaptação foi feita pelo próprio Autor, no quadro de uma residência na Companhia Pé de Vento, do Porto, realizada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Cenário

A cena é desnivelada.

O nível inferior é constituído pelo quarto de uma casa pobre: uma cama de ferro, uma cómoda; alguns livros e cadernos sobre a cómoda; uma cadeira.

Uma porta à direita.

O mesmo nível serve ainda de sala, após mudança de adereços: a cómoda passa a ter um vaso de flores sobre um "chaperon" de renda; a cama é substituída por uma mesa rodeada por três cadeiras.

Breves escadas dão para o nível superior, o sótão, um metro acima.

As escadas constituem outro "espaço", autónomo embora escasso: é um "espaço entre realidades", um lugar de passagem...

Cena 1

No sótão amontoa-se todo o tipo de velharias: pilhas de caixas, alguns brinquedos, pneus, uma máquina de costura, um manequim, a inevitável arca. Paus altos e cordas, uma ou duas pipas. Bancos e cadeiras velhas.

Entre os dois níveis, uma janela alta para a rua (o chão do sótão encontra-se aproximadamente ao nível do terço inferior da janela, pelo que esta pertence tanto ao "espaço do quarto/sala" como ao "espaço do sótão"). A janela tem largas cortinas brancas soltas.

Os espaços relativos do quarto/sala e do sótão distribuem-se aproximadamente no sentido da diagonal do palco, de modo que um e outro possam dispor de toda a profundidade de cena.

Personagens

Manuel e Ana, adolescentes ambos; Capitão dos piratas (voz e vulto); Mãe de Manuel.

Sótão.

Meio da tarde.

Dia de tempestade. A chuva bate furiosamente na janela, o vento agita as cortinas.

O ruído do mar embravecido ao fundo.

O gemido da ronca.

Quando abre o pano, Manuel e Ana estão, de pé, em silêncio, olhando pela janela. Água caindo pelas vidraças.

O "espaço do quarto" está invisível (negro).

ANA

(De costas, diante da janela)

— Que tempestade! Se algum barco sai hoje ao mar, afunda-se!

MANUEL*(Também de costas)*

— Os barcos hoje não saem. O mar está muito bravo...

ANA

— O mar e a terra...

MANUEL

— E o céu, e o céu também... Vem aí uma trovoada...

ANA

— Uma trovoada? Deus nos livre! Não dês azar!

MANUEL

(Volta-se para Ana, erguendo os braços ameaçadoramente)

— Brrrrrrrummm!...

ANA*(Recua, assustada)*

— Não sejas palerma! Assustaste-me...

MANUEL*(Rindo)*

— Não me digas que tens medo de trovoadas...

ANA

— E tu não tens?... Palerma...

MANUEL*(Dá-lhe a mão)*

— Pronto, Ana, desculpa! *(Ainda a rir:)* Eu não trovejo mais...

Um trovão lá fora.

Ana e Manuel estacam, assustados.

MANUEL

— Eu não te dizia?...

Ana puxa Manuel para o centro da cena.

ANA

— Sai da janela! Pode cair algum raio!

MANUEL

— Ora, um raio!... Os raios caem no mar!

Ana senta-se num banco.

Manuel vai sentar-se numa cadeira. A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra.

ANA

(Rindo alto)

— Ah, ah! Os raios a cair no mar e tu a cair no chão...

Manuel muda de cadeira e vem sentar-se ao lado de Ana.

MANUEL

(Voltando-se para a janela)

— Lembras-te do naufrágio?... Foi num dia de tempestade assim...

ANA

— Não fales nisso... É triste... *(Olha em volta, procurando mudar de assunto:)* As coisas que a tua mãe aqui guarda! *(Pega numa boneca semidesfeita:)* Não me digas que tu também brincavas com bonecas!

Outro trovão.

Ana encolhe-se de medo.



MANUEL

(Sem tirar os olhos da janela)

— Foi no dia em que fomos despedir-nos do meu pai... Chovia e trovejava... Como agora...

Ana levanta-se e anda de um lado para o outro, mirando as coisas espalhadas no sótão, até que se detém diante da arca. Lá fora, um cão ladra furiosamente.

MANUEL

— Achas que a América é muito longe?

ANA

(Sem o olhar)

— Eu sei lá! É do outro lado do mar, deve ser longe.

MANUEL

— O meu pai não escreve há três semanas! A minha mãe não fala, mas eu sei que está aflitíssima. A última vez que escreveu disse que ia trabalhar para outra fábrica. A minha mãe tem medo que lhe tenha acontecido alguma coisa. *(Pausa:)* Lembras-te do senhor Albino?

ANA

— Não...

MANUEL

(Aponta para a janela)

— Morava na casa ali defronte, mesmo do outro lado da rua. Foi para a América e a família nunca mais soube dele...

ANA

— Ora... Um dia, quando ninguém estiver à espera, aparece... *(Põe-se de joelhos diante da arca, e tenta abri-la:)* O que é que haverá aqui dentro?

Manuel fica um momento em silêncio, olhando para a janela. Finalmente levanta-se e aproxima-se de Ana.

MANUEL

— Devem ser roupas e coisas assim. A minha mãe tem a mania de guardar tudo...

ANA

(Cheia de curiosidade)

— Abrimo-la? E se cá estivesse um tesouro?...



MANUEL

(Baixando-se ao lado de Ana)

— Um tesouro?! Em minha casa?... Só se for uma tesoura...

ANA

— Abrimo-la, abrimo-la?

MANUEL

— Está bem, abre-se...

Debruçam-se os dois sobre a arca tentando, em vão, abri-la.

ANA

— Está fechada à chave.

MANUEL

— Qual chave qual carapuça! Está é perra! *(Afasta-se, à procura de qualquer coisa com que abrir a arca. Volta com uma tesoura ferrugenta:)* Olha, encontrei a tal tesoura... Agora só falta o tesouro...

Esforçam-se ambos por abrir a arca com a tesoura.

Manuel vai buscar o banco e senta-se, tentando forçar a arca. Ana está de joelhos a seu lado.

O vento continua a soprar lá fora e a chuva a cair. De vez em quando, ao longe, soa a ronca.

Depois de várias tentativas, Manuel e Ana conseguem finalmente abrir a arca.

ANA

(Inclinada para dentro da arca)

— Ena, tanta tralha!

MANUEL

— Eu não te dizia?

Ana puxa um velho vestido preto de dentro da arca.

ANA

— Olha! Parece a batina do Padre Timóteo!

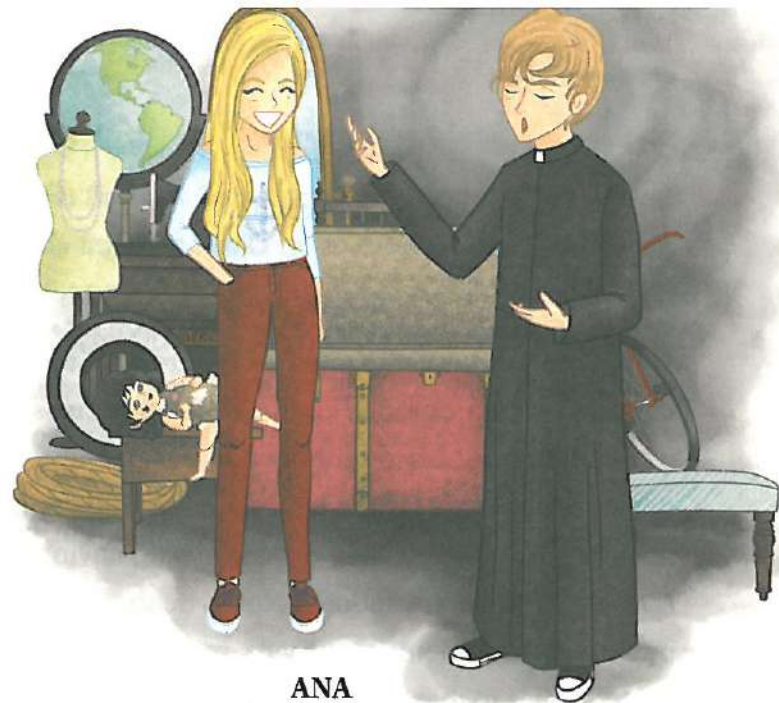
MANUEL

(Tira-lhe o vestido da mão, rindo)

— Dá cá... *(Mete o vestido pela cabeça e põe as mãos, imitando o padre:)* Caros irmãos... Rezai pelos vossos pecados... Cem pai-nossos e cem ave-marias... Quem dá mais, quem dá mais?

Ana ri e salta à volta de Manuel.

De repente, Manuel cala-se e fica quieto e muito sério. Ana deixa também de rir, e para diante dele a olhá-lo, sem compreender.



ANA

— O que foi, Manuel?

MANUEL

(De cabeça baixa e braços caídos ao longo do corpo)

— Nada, lembrei-me do naufrágio...

ANA

— Do naufrágio? Outra vez? Oh, Manuel...

MANUEL

— O Padre Timóteo, na catequese, pediu-nos que rezássemos pelos náufragos, lembras-te?

ANA

— Sei lá, já foi há tanto tempo...

MANUEL

— Rezámos um terço inteiro. O Padre Timóteo dizia que, se rezássemos todos juntos, Nossa Senhora salva-va os náufragos. Nossa Senhora ouvia as crianças, porque as crianças lhe faziam lembrar o filho, que morreu na cruz. *(Pausa:)* Lembras-te do nome do navio? Era o "Dover"... Morreram todos... Nossa Senhora não nos ouviu... Até acendemos uma vela, mas despedaçaram-se todos nas rochas...

Ana sentou-se de novo.

Regularmente, ao longe, soa a ronca.

ANA

— Não fales nisso, é muito triste...

Manuel senta-se ao lado de Ana.

MANUEL

— Eu fui lá, à Ponta de Santo António... Fiquei no cimo da falésia a ver. O navio estava deitado de lado e as ondas passavam-lhe por cima, varrendo tudo. Estava tão perto! Quase se lhe podia tocar... Viam-se os marinheiros no meio do nevoeiro, correndo de um lado para o outro, com os braços no ar, a pedir ajuda... Mas os bombeiros não conseguiram atirar os cabos, e morreram todos. O navio afundou-se, só ficou a proa de fora...

ANA

— Eu sei...

MANUEL

— Ainda lá está, meio desfeito... Quando o vejo ainda hoje me arrepio todo...

Manuel levanta-se e despe o vestido, atirando-o para a arca.

MANUEL

— Só depois é que soubemos que tinham todos morrido. Logo nesse dia deu à costa o corpo de um homem, despedaçado. *(Pausa:)* A minha mãe diz que o

20 mar atira os naufragos ao terceiro dia, ao quinto dia e ao nono dia... *(Pausa:)* O terço a Nossa Senhora não valeu de nada...

Manuel fica em silêncio.

MANUEL

— Sabias que, antigamente, as pessoas acendiam fogueiras nos dias de tempestade para enganar os navios e os fazerem naufragar? Depois apanhavam na praia as cargas e as riquezas que os navios levavam... Até vinha gente do outro lado da ilha!

ANA

— Eu sei, é horrível! Não fales agora nisso.

Continua a chover. A ronca, ao longe, não para de gemer.

ANA

— Não fales mais nisso...

Ana aproxima-se de novo da arca. Pega na mão de Manuel e puxa por ele.

ANA

— Anda! Vamos procurar coisas na arca...

Ana recomeça a mexer no fundo da arca.

Manuel está de pé, a seu lado. Ana tira um chapéu e coloca-o na cabeça de Manuel.

Depois tira um velho xaile de renda branca e põe-no na sua própria cabeça.

ANA

— Fica-me bem, fica-me bem? *(Olha em volta:)* Não há por aqui um espelho?

MANUEL

(Sorrindo)

— Pareces uma noiva...

Manuel acaba por debruçar-se também sobre a arca.

Ana continua a vasculhar e ergue-se com um lenço vermelho na mão.

ANA

— E isto? O que é isto?

Manuel endireita-se subitamente.

MANUEL

(Pegando no lenço)

— O lenço vermelho!

ANA

(Ao lado de Manuel, cheia de curiosidade)

— O que é, o que é? Parece um lenço de pirata...

MANUEL

(Num murmúrio, fitando paradamente o lenço)

— E é...

ANA

(Incrédula)

— É um lenço de pirata? Oh, Manuel, não mintas...
Diz-me, diz-me...

MANUEL

— É um lenço de pirata, já disse!

Manuel fita o lenço. Ana tira-lho da mão e observa-o, curiosa.



ANA

— Não acredito. Não existem piratas!

MANUEL

— Existem, existem! Se eu te contasse...

Manuel torna a pegar no lenço.

ANA

— Não acredito...

MANUEL

— Não sei se existem ou não existem... É uma história tão estranha... Às vezes acho que foi um sonho, outras vezes... Não sei... Foi no dia do naufrágio... Nunca contei isto a ninguém... Até a mim me custa a acreditar...

ANA

— Conta, conta!

MANUEL

— Não... Não sei... Tu não acreditavas, Ana...

ANA

— Acredito, juro!

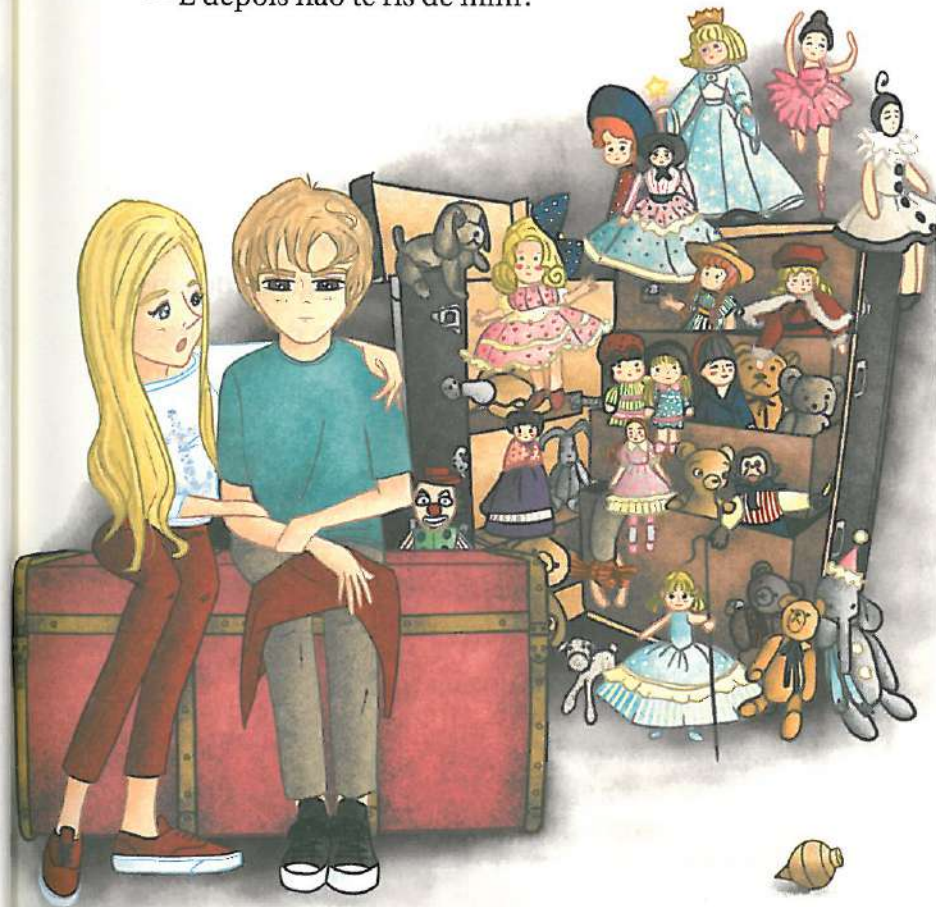
Manuel faz uma pausa.

O vento atira furiosamente a chuva contra a janela.

MANUEL

(Virando-se para Ana)

— E depois não te ris de mim?



ANA

(Faz um gesto, jurando com a mão sobre a garganta)

— Não, juro! Conta, conta...

Ana força Manuel e sentar-se sobre a arca e senta-se a seu lado, dando-lhe o braço. Manuel pousa o lenço vermelho nos joelhos e olha o vazio.

ANA

— Conta, conta!

MANUEL

— Não sei se foi um sonho ou não... Foi no dia do naufrágio do “Dover”... Nessa noite eu não conseguia dormir... Não me saíam da cabeça os gritos dos marinheiros a pedir ajuda... Chovia muito e havia trovoadas...

As luzes apagam-se lentamente.

O vento, a chuva, a ronca.

Um relâmpago atravessa o céu.

Cena 2

Acendem-se lentamente as luzes no “espaço do quarto”

Noite. Penumbra, sombras.

A chuva e o ruído do mar, ao longe, ouvem-se agora distantemente.

Manuel está deitado na cama, em pijama, de olhos abertos e com as mãos sob a cabeça.

Silêncio.

O vento agita levemente as cortinas da janela.

Do escuro, ouve-se uma voz (vinda das sombras, do “espaço das escadas”).

VOZ

(Num murmúrio)

— Manuel...

28 *Manuel, sobressaltado, soergue-se na cama, olhando em volta. Depois acaba por voltar a deitar-se.*

VOZ

(Do escuro)

— Manuel...

Manuel soergue-se de novo.

MANUEL

(Assustado)

— Quem é?... Quem está aí?

Silêncio.

Manuel senta-se na cama, esfregando os olhos e perscrutando a escuridão do quarto. Levanta-se e vai à janela, olhando para fora.

Ruído da chuva na janela.

Manuel senta-se de novo na cama.

VOZ

— Manuel... Anda, vem!

MANUEL

(Respondendo para o escuro)

— Quem? Eu?

VOZ

— Sim, tu... Vem depressa... Está a fazer-se muito tarde...

MANUEL

(Olhando em volta)

— Não compreendo... Devo estar a sonhar...

VOZ

— Não, não é um sonho... *(Insistindo:)* Vem, anda... Depressa...

MANUEL

(De novo virado para o escuro das escadas)

— Mas... Eu...

Uma mão invisível pega na mão de Manuel e puxa-o. Aos poucos, Manuel deixa-se levar, oferecendo apenas uma ténue resistência.

VOZ

— Anda depressa!

Manuel deixa-se arrastar em direção ao escuro.

MANUEL

— Mas... Eu... Quem és tu?

VOZ

— Eu sou tu, meu tolo! Vem!

MANUEL

— Eu quem?...

EU SOU TU, MEU TOLO! VEM!

VOZ

— Sou eu, tu! *(Pausa:)* Confia em mim. Daqui a pouco amanhece e eu desapareço... Depressa! É muito importante! Tens que salvar a tua mãe!

MANUEL

(Detém-se, assustado)

— A minha mãe? Aconteceu alguma coisa à minha mãe?

VOZ

— Não, ainda não... Mas tens que vir depressa...



MANUEL*(Sem compreender)*

— Mas... Eu... Estou acordado ou estou a dormir?

VOZ— Estás acordado, meu tolo! Vem! *(A mão puxa por Manuel com mais firmeza:)* Depressa...**MANUEL***(Aflito)*

— Diz-me o que é que aconteceu à minha mãe!

*Ao longe, a ronca e o mar.***MANUEL***(Mais alto, detendo-se mais uma vez)*

— O que aconteceu à minha mãe?

VOZ— É um barco pirata! Vão assaltar a ilha e levar as mulheres! Tens que salvar a tua mãe! *(A mão torna a puxar por Manuel:)* Vem depressa!**MANUEL***(Muito assustado)*

— Piratas? Onde?

VOZ

— Aqui... Estão agora a ancorar... Anda depressa, vem!

*Enquanto Manuel é arrastado para o escuro, o mar e a ronca, como a tempestade, são cada vez mais nítidos.**Manuel liberta-se, por momentos, da mão que o leva e tenta pegar na sua capa, que está nas costas da cadeira.**A cadeira cai e a capa também. Manuel, assustado, deita alguns livros ao chão.**Acaba por regressar apressadamente em direção às escadas (ao escuro).***MANUEL***(Num grito abafado)*

— Piratas! A minha mãe!

Manuel mergulha no escuro, agarrando-se às escadas.

O quarto fica lentamente na obscuridade, enquanto se acendem luzes translúcidas sobre o “espaço das escadas”.

Manuel, muito assustado, sobe as escadas, inclinado, com medo de ser descoberto. Espreita para cima.



Cena 3

Ilumina-se o nível do sótão, junto à janela.

As tralhas do sótão tornaram-se cenograficamente no tombadilho de um navio pirata: um gradeamento de madeira; paus altos/mastros; cordame; pipas; uma caixa de pé/bitáculo da bússola; as cortinas da janela batidas pelo vento/velas enfunadas...

Ao fundo deste espaço, num écran, sombras de piratas: vultos de perfil e de frente e em atitudes e movimentos dispersos, sombras de cordame; alguns piratas subindo; outros com os braços no ar, brandindo espadas; hipótese de a “tripulação” ser constituída por sombras de bonecos atrás da cena; o vulto do capitão, de grande chapéu largo e com uma perna de pau, uma espada numa mão e um óculo noutra, no entanto, movimentar-se-á e intervirá na ação.

Barulho infernal de vozes e de passos correndo de um lado para o outro.

E sempre o ruído do mar e da tempestade, agora muito alto e muito próximo.

VULTO DO CAPITÃO

(Dando ordens à tripulação, aos berros)

— Baixem as velas, suas bestas! Olhem-me as vergas, que o vento está a dar de popa! Mexam-se ou atirovos a todos aos tubarões!

O Capitão corre furioso, coxeando, de um lado ao outro do tombadilho. Manuel está escondido ao cimo do “espaço das escadas”, entre cordas e caixas.

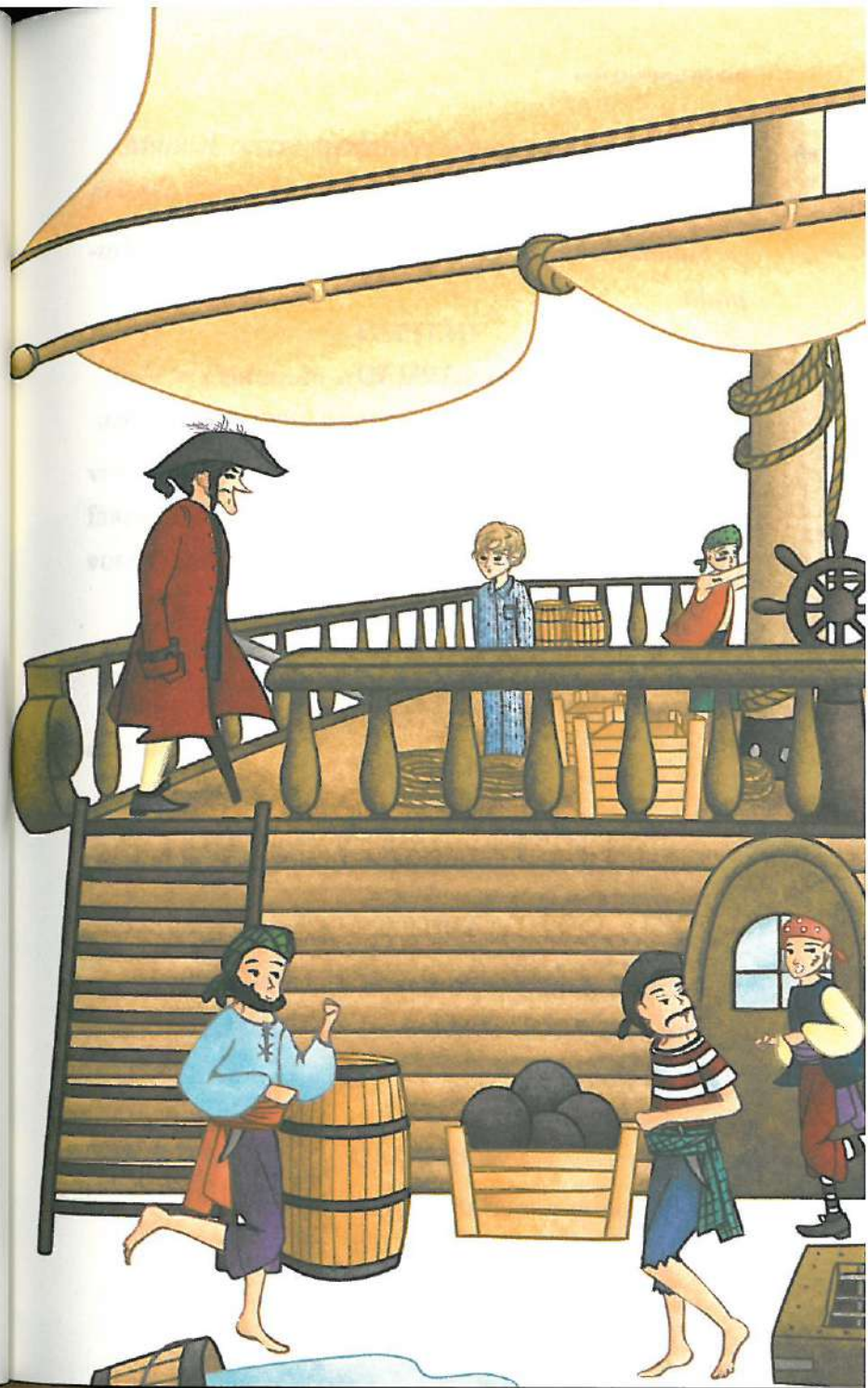
MANUEL

— Meu Deus! Os piratas!

CAPITÃO

(Sempre aos berros)

— Mexam essas pernas, suas bestas, ou enforco um! Depressa antes que nos descubram! Baixem as velas!



Gritaria e correrias dos piratas.

Manuel afunda-se ainda mais no seu esconderijo.

Subitamente, o Capitão dá com ele e aponta-lhe a espada.

CAPITÃO

(Virado ameaçadoramente para o lugar das escadas, onde Manuel se esconde)

— E tu aí, ó grumete! O que é que estás aí a fazer? Mexe-te também, ou vais para os tubarões! Vai-me buscar uma garrafa! Mexe-te!

Descoberto, Manuel põe-se de pé, transido de medo.

CAPITÃO

(Cada vez mais furioso)

— Não ouviste, grumete dum raio? Vai-me buscar outra garrafa! Mexe-te!

Manuel, como um autómato, cheio de medo, obedece, enquanto o Capitão continua a berrar e a dar ordens à tripulação.

CAPITÃO

— Preparar para a abordagem! Mexam-se, seus animais!

Manuel, aterrorizado, traz uma garrafa ao Capitão, ficando depois paralisado diante dele.

O Capitão emborca ruidosamente a garrafa.

CAPITÃO

(Voltando-se de novo para Manuel)

— O que é que estás a fazer aí parado? Nunca me viste? Vai apagar os lampiões! *(Apontando com a espada para o chão:)* E apanha o raio do lenço! Não quero ver ninguém sem o lenço na cabeça!

Manuel baixa-se e apanha o lenço vermelho do chão.

Ata-o à volta da cabeça e regressa, correndo, ao seu esconderijo.

O Capitão olha com um longo óculo para terra.

CAPITÃO

(Dá de repente um salto)

— Terra, terra! Tudo a estibordo, tudo a estibordo!

Grande algazarra no navio. Os piratas gritam e correm.

CAPITÃO

— Botes à água, botes à água! Ao assalto! Queimem tudo! Apanhem as mulheres, apanhem as mulheres!

Manuel, aflitíssimo, salta do esconderijo. Olha por um momento os piratas e o Capitão aos saltos e aos gritos, e corre para as escadas. Tropeça no cordame e cai. Levanta-se de novo e precipita-se pelas escadas.

MANUEL

— Meu Deus! A minha mãe! Tenho que salvar a minha mãe!

Apagam-se lentamente as luzes.



Cena 4

*“Espaço do quarto” na penumbra como na Cena 2.
O resto do palco está invisível.*

Continua a ouvir-se a gritaria dos piratas e o barulho das espadas e da tempestade no mar.

CAPITÃO

— Apanhem-nas! Apanhem-nas!

Manuel surge, descendo em correria as escadas. Traz ainda o lenço vermelho atado à cabeça.

MANUEL

(Corre precipitadamente para a porta do quarto gritando)

— Mãe, mãe! Foge!

Manuel tenta abrir a porta do quarto, mas não consegue.

Bate desesperadamente com os punhos fechados na porta.

MANUEL

— Mãe, mãe! Os piratas! Depressa, depressa!

CAPITÃO

(Voz vinda do sótão)

— Para terra! Remem, remem, suas bestas!

Ruído de objetos que tombam do lado de lá da porta, dentro da casa. Passos em correria e gritaria abafada.

MANUEL

— Meu Deus! Já estão cá em casa! Estamos perdidos!

Manuel atira-se para cima da cama, tapando os ouvidos com as mãos.

MANUEL

— É um sonho, tem que ser um sonho! Tenho que acordar, tenho que acordar! Se não acordo eles levam a minha mãe!

Manuel senta-se na cama, sacudindo-se desesperadamente.

MANUEL

— Tenho que acordar, tem que ser um sonho, tem que ser um sonho!

Abre-se então a porta do quarto e a Mãe, assustada, entra e acende a luz.

O quarto ilumina-se. Desaparece subitamente o barulho dos piratas. Mesmo o vento e o mar só se ouvem agora muito ao longe.

MÃE

(Correndo para a cama)

— O que foi, o que foi? *(Abraçando Manuel:)* Tiveste um pesadelo, não foi?

Manuel abraça com força a Mãe.

MANUEL

(Olhando em volta e escutando, ainda assustado)

— Foi um pesadelo, mãe, deve ter sido um pesadelo...

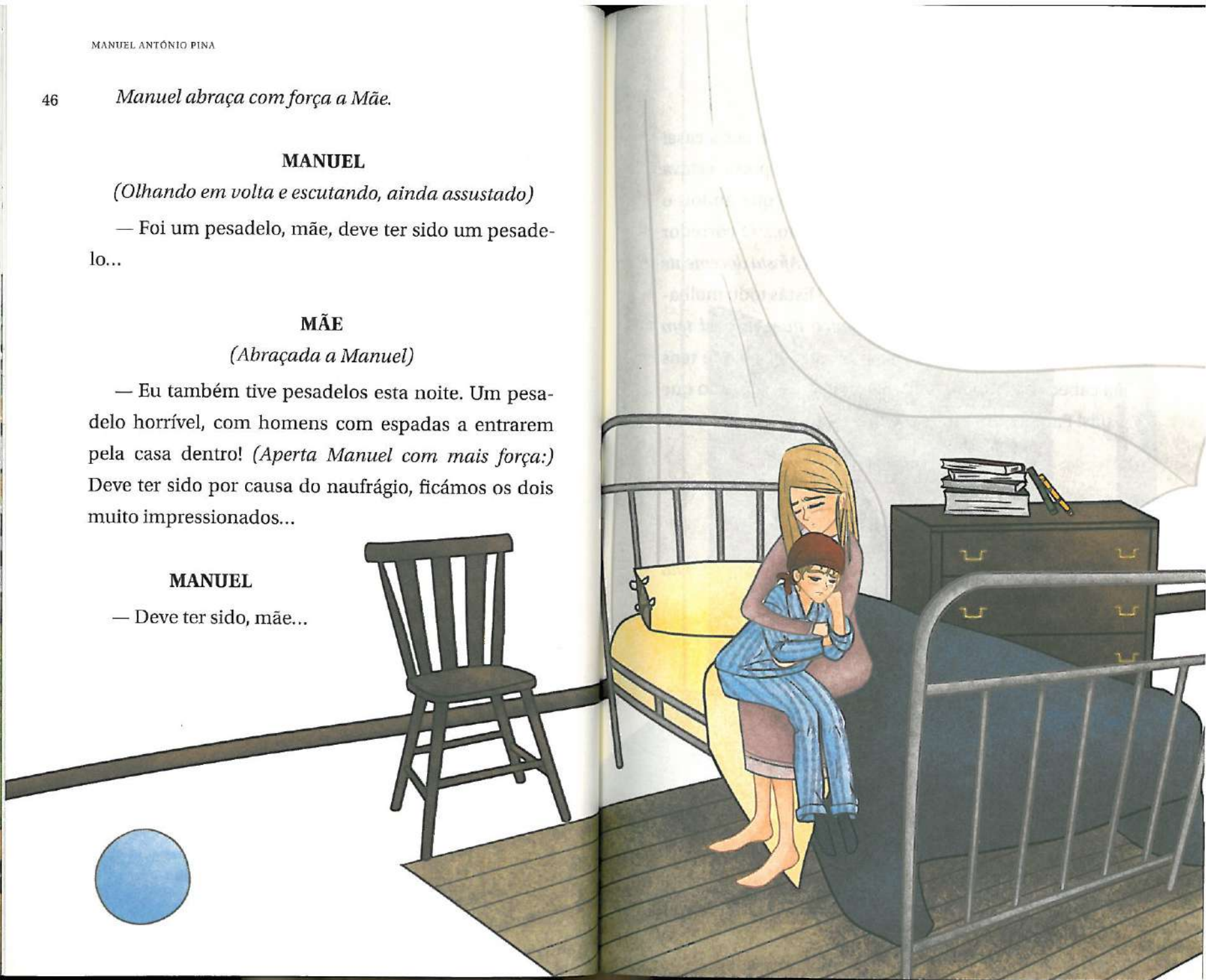
MÃE

(Abraçada a Manuel)

— Eu também tive pesadelos esta noite. Um pesadelo horrível, com homens com espadas a entrarem pela casa dentro! *(Aperta Manuel com mais força:)* Deve ter sido por causa do naufrágio, ficámos os dois muito impressionados...

MANUEL

— Deve ter sido, mãe...



MÃE

— E por causa do temporal... Havia de ver a casa! Quando acordei com os teus gritos, a porta estava aberta e o bengaleiro no chão... Parece que andou o Diabo cá em casa! Deve ter sido o vento... O corredor está cheio de areia e tudo fora do sítio... *(Afasta docemente Manuel de si:)* E tu? *(Observando-o:)* Estás todo molhado... *(Dá de repente conta do lenço que Manuel tem ainda atado à volta da cabeça:)* E que é isso que tens na cabeça?... *(Rindo:)* Oh, Manuel, que engraçado que estás! Pareces um pirata... Onde é que arranjaste isso?

MANUEL

— Depois conto-te, mãe, depois conto-te...

A Mãe tira o lenço da cabeça de Manuel e pousa-o na cama. Depois força-o ternamente a deitar-se.

MÃE

— Vá, dorme... Vira-te para o outro lado e dorme, que já é muito tarde... *(Aconchegando-o:)* Amanhã não vais à escola, eu vou falar com o sr. professor e peço-lhe para te mandar os deveres de casa por um colega.

Manuel deita-se na cama e a Mãe aconchega-lhe os cobertores.



MÃE

— Dorme... Eu também vou deitar-me, que estou muito cansada... *(Pausa:)* Sabes que a esta hora, na América, está a começar a anoitecer? O teu pai também deve estar agora a deitar-se... Vamos dormir como se estivéssemos todos juntos em casa, está bem?

MANUEL

— Está bem, mãe...

A Mãe beija Manuel e afasta-se.

MÃE

— Até amanhã, se Deus quiser.

MANUEL

— Até amanhã, mãe.

A Mãe fecha a luz do quarto e sai.

O quarto fica de novo na penumbra.

Manuel tapa a cabeça com os cobertores.

As luzes de cena apagam-se lentamente.

Lá fora, a tempestade amainou.

Cena 5

Ilumina-se o "espaço do sótão" como na Cena 1.

O mesmo cenário da Cena 1.

Manuel e Ana estão sentados sobre a arca. [Nota do Autor: "continuação" da Cena 1; a cena recomeça, por isso, com ambos na posição em que se encontravam no final desta.]

MANUEL

— Não acreditas, pois não?

ANA

(Com a cabeça baixa e as mãos entre os joelhos)

— Acredito, pois...

Manuel põe-se de pé.

MANUEL

— Foi tudo há tanto tempo... Deve ter sido a minha mãe quem guardou o lenço na arca.

Manuel pega no lenço e fita-o.

Ana guarda silêncio por um momento. Depois levanta os olhos para Manuel.

ANA

— Mas, se foi um sonho, como é que tu apareceste com o lenço na cabeça?

MANUEL

— É isso... Não sei, não consigo compreender...
(*Pausa. Mudando de tom:*) Eu sabia que não ias acreditar.

Ana levanta-se e mete o braço a Manuel.

ANA

— Acredito, juro-te. Mas... É... É tudo tão estranho...

MANUEL

— Nunca contes à minha mãe. Eu não lhe contei nada...

ANA

— Juro que não conto. É um segredo nosso, não conto nada a ninguém.

Ana fita o lenço na mão de Manuel. Depois senta-se de novo na arca.

ANA

— Foi assim que nós nos conhecemos, lembras-te?

MANUEL

— Assim como?

ANA

— Por causa do naufrágio do "Dover"...

MANUEL

— Ah... Mas isso foi depois... Foi quando tu vieste para cá...

Ana torna a levantar-se e aproxima-se da janela.

Manuel segue-a.

A chuva e o vento amainaram definitivamente.

Distante, apenas se ouve ainda, de vez em quando, a ronca.

MANUEL

— Estás triste?

ANA

— Não, estou só a pensar...

MANUEL

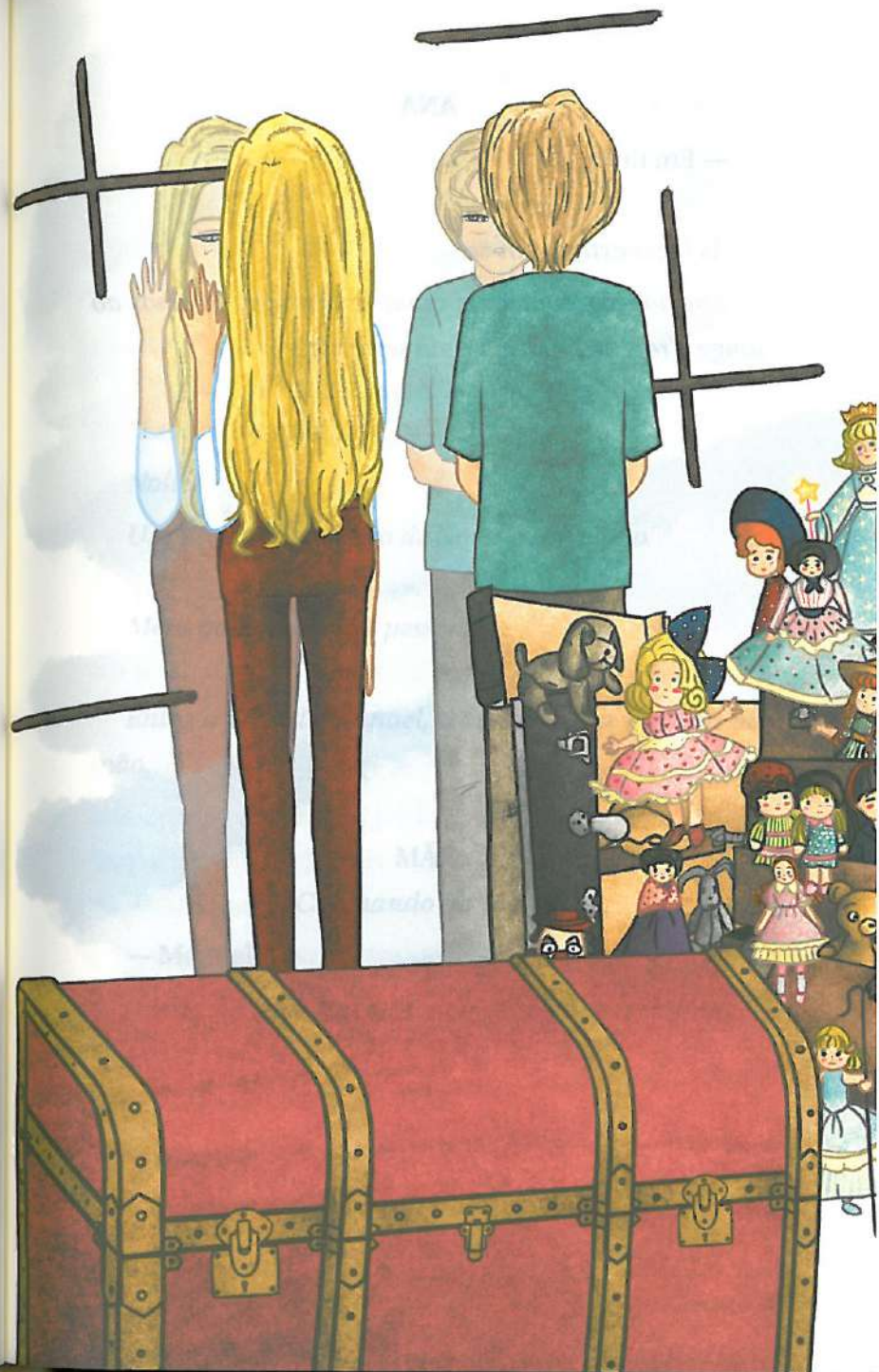
— A pensar em quê?

ANA

— A pensar em tudo...

MANUEL

— Em tudo o quê?



— Em tudo...

As luzes extinguem-se.

Aos poucos, começa a ouvir-se um som de sinos ao longe ("raccord" para a cena seguinte).

"Espaço da sala".

Noite.

Um pequeno pinheiro de Natal a um canto.

Mesa posta para três pessoas.

Entra a Mãe de Manuel, trazendo uma travessa na mão.

MÃE

(Chamando para fora)

— Manuel!

A Mãe coloca a travessa na mesa e volta a chamar.

MÃE

— Manuel!

A Mãe vem à porta e chama de novo.

MÃE

— Manuel, a ceia já está na mesa. Vem.

A Mãe regressa para junto da mesa e Manuel entra.

[Nota do Autor: Manuel vestido diferentemente, mesmo que pouco, da Cena 1, sugerindo que a presente cena decorre noutra “tempo”, num passado narrado.]

MÃE

(Voltando-se para Manuel)

— Anda, senta-te. A comida está a arrefecer...

Manuel e a Mãe sentam-se à mesa e começam a comer.

MÃE

— Pus também um prato e um talher para o teu pai. É Natal, quem sabe se ele não aparece sem nós esperarmos? Gosta tanto de fazer surpresas...

Comem os dois em silêncio.

**MÃE**

— Sabes que chegaram as famílias dos marinheiros do navio afundado? Coitados... O mar já atirou mais três corpos à praia... *(Repara no silêncio de Manuel:)* Desculpa, não devia falar de coisas tristes... Amanhã é Dia de Natal, não devia estar a falar destas coisas... *(Pausa. Mudando de assunto:)* Queres que te dê já a tua prenda?

MANUEL

— Não, mãe. Só à meia-noite.

MÃE

— Acho que vais gostar... É uma coisa de vestir...

MANUEL

— Não digas, mãe, não digas! Só à meia-noite!

MÃE

— Pronto, eu não digo nada.

A Mãe levanta-se e abre uma gaveta da cómoda, tirando um prato com bolos e colocando-o sobre a mesa.

MÃE

— Fiz biscoitos de limão...

A Mãe torna a sentar-se.

MANUEL

— O Padre Timóteo contou-nos que no navio vinha um rapaz. O jornal diz que se chamava Robert... Tinha 10 anos... Vinha no bote que o navio lançou logo que encalhou e que se partiu contra os rochedos... Mas já apareceram os corpos todos do bote, e o dele não...

MÃE

— Eu sei. A mãe dele é uma senhora inglesa, uma nobre. Também chegou ontem, com as outras famílias... Ela e a noiva dele, uma menina de 9 anos, chamada Ana... Vi as duas na missa por alma dos naufragos... Coitada! Perder assim um filho... Tão novo... *(Pausa:)* Tinha a tua idade...

A Mãe levanta-se outra vez e traz, de cima da cómoda, um cesto com algumas peças de fruta. Tira o prato da frente de Manuel e põe-lhe um de sobremesa.

MÃE

— Come uma laranja... Queres que a descasque? E, depois, come os biscoitos... *(Chega-lhe também o prato dos biscoitos:)* Ficaram-me muito bons.

Manuel roda, distraído, a laranja na mão.

MANUEL

— Eu também as vi... Andavam as duas a passear na praia, a olhar para o mar.

MÃE

— Ela é muito bonita, não é?

MANUEL

— Quem?...

MÃE

— A menina. É tão branca e tão bonita! *(Pausa. A Mãe tira a laranja das mãos de Manuel e começa a descascar-lha:)* Dizem que um mago disse à senhora inglesa que o filho ainda está vivo, que se salvou a nado... Ela julga que ele pode estar por aí, em qualquer sítio da costa, ou em algum ilhéu abandonado... *(Suspirando:)* Coitadinha... *(Pausa. Mudando de tom:)* Mas não falemos mais disso...

MANUEL

— O Padre Timóteo contou-nos também que encontraram um caixote na praia com uma cruz lá dentro. Ele pensa que aquilo quer dizer alguma coisa, que é um desígnio qualquer de Deus...

MÃE

(Entregando a laranja descascada a Manuel)

— Pronto, agora não se fala mais de coisas tristes... Toma, come a laranja. E depois vai-te arranjar que daqui a pouco são horas de irmos para a missa da meia-noite.



MANUEL

— Achas que ela também vai à missa da meia-noite?

MÃE

— Quem?

MANUEL

— A menina...

A Mãe levanta-se e começa a tirar a mesa.

MÃE

(Tristemente)

— Afinal o teu pai não veio...

Manuel levanta-se também.

MANUEL

— Achas que elas irão à missa?

MÃE

— Não sei. Elas estão as duas tão cansadas, coitadinhas... E a senhora inglesa parece tão doente...

Manuel faz menção de ajudar a Mãe a tirar a mesa.

MÃE

— Não, deixa, eu faço isso. Vai-te arranjar que já é tarde. Veste a capa, que está frio.

A Mãe força docemente Manuel em direção a porta.

Manuel dirige-se para a porta. A Mãe vai atrás dele.

MÃE

— Toma, leva um biscoito...

Manuel sai.

A Mãe fica sozinha, em silêncio, tirando a mesa.

Põe a cesta da fruta e o prato dos bolos em cima da cómoda.

As luzes extinguem-se lentamente.

"Espaço do sótão."

Dia.

Manuel está à janela, de costas para o público, olhando pensativo para a rua. Chove suavemente.

MÃE

(Em voz off)

— Manuel!

Surge a Mãe, vinda das escadas, de avental.

MÃE

— Que estás a fazer? Já acabaste os deveres? *(Aproxima-se de Manuel:)* Não estejas a apanhar frio, que

68 estás constipado! (*Põe-lhe a mão na testa:*) Estás cheio de febre, amanhã é melhor não ires à escola.

A Mãe pega na mão de Manuel e puxa-o em direção às escadas.

MÃE

— Não gosto que te ponhas para aqui sozinho. Anda, vou fazer-te o lanche... Pode ser que a Ana apareça e lancham os dois... Ela e a senhora gostaram da marmelada que lhes mandei?

MANUEL

— Gostaram...

Principiam ambos a descer as escadas.

MÃE

— Amanhã faço mais e tornas a levar-lha...

[Nota do Autor: cena de passagem; tem por objetivo sugerir uma breve passagem de tempo e dura o necessário para a mudança do cenário da sala para o quarto. Manuel está vestido com a mesma roupa da cena anterior].

Cena 8

Quarto.

Fim da tarde.

Manuel está de cama, doente.

Entra a Mãe com uma carta na mão.

MÃE

— Olha, o teu pai escreveu... Também esteve doente, como tu. (*Sentando-se na beira da cama:*) Na América ainda faz mais frio do que aqui!

Mostra a carta a Manuel, que se soergue e pega nela.

MÃE

— Diz ele que tem estado sempre a nevar... Neve... Nunca vi neve... Meu Deus, que frio deve ser!

MANUEL*(Olhando a carta)*

— Ele não diz quando vem?

MÃE

— Não. Mas diz que talvez em breve lá possamos ir nós. *(Acaricia a cabeça de Manuel:)* Não gostavas de ver neve?

Manuel entrega de novo a carta à Mãe e volta a deitar-se.

MANUEL

— Não sei. *(Pausa:)* Era bom era que ele voltasse. Na fábrica das conservas já estão a meter gente outra vez... Podia arranjar trabalho cá...

MÃE

— Pois era, pois era... *(Pausa:)* Um dia volta. *(Procurando mudar de assunto:)* Tomaste o comprimido?

MANUEL

— Tomei.

MÃE

— Queres outro copo de leite?

MANUEL

— Não, mãe, obrigado.

*Pancadas na janela.**Manuel e a Mãe voltam-se.**Rosto de Ana sorrindo à janela.*

MÃE*(Levantando-se, alvoroçada)*

— É a Ana! Veio visitar-te!

*A Mãe dirige-se para a porta e sai.**Manuel ajeita a roupa da cama.**A Mãe regressa pouco depois com Ana.*

[Nota do Autor: Ana vestida e penteada diferentemente das Cenas 1 e 5 do sótão, de modo a sugerir um tempo distinto.]

ANA*(Entrando)*

— Estás melhor?

MANUEL

— Estou, muito obrigado.

MÃE

— Ainda tem um bocadinho de febre... Mas segunda-feira já vai à escola outra vez. *(Pausa:)* E a senhora? Está melhor?

ANA*(Para a Mãe)*

— Lady Elisabeth? Não, está cada vez mais fraca... Ficou a dormir no hotel...

MÃE

— Coitadinha... O que ela está a sofrer... *(Mudando de tom:)* E a Ana? Já lanchou?... Vou buscar-lhe um bocadinho de torta de laranja... *(Dirige-se para a porta).*

ANA

— Não se incomode, obrigada...

*A Mãe sai.**Ana e Manuel ficam sós.**Ana sorri.*

A Mãe regressa com dois pratos com torta. Entrega um à Ana e outro ao Manuel.

MÃE

— Toma, Manuel, está muito boa.

MANUEL

— Não quero, mãe, obrigado.

MÃE

— Vá lá, só para fazeres companhia à Ana.

Ana senta-se na cama, segurando o seu prato.

Manuel soergue-se, com o prato sobre o travesseiro.

MÃE

(Saindo de novo)

— Agora fiquem os dois um bocadinho a conversar que eu vou lá dentro e já venho...

A Mãe sai.

Ana fica um momento em silêncio e, depois, volta-se para Manuel.

ANA

— Lady Elisabeth está muito mal, não digas nada à tua mãe. Não quer ir-se embora, nem sequer abre as cartas que recebe de Inglaterra... Nunca fecha as janelas, nem apaga a luz, nem de noite, sempre a olhar para

o mar. *(Pausa:)* O que mais me aflige é que não chora... Está convencida que, se chorar, Robert morre...

Manuel olha-a sem dizer nada.

Afasta o prato e torna a meter-se sob os lençóis.

ANA

— Teve um sonho, sabes? Viu Robert apanhado por piratas e levado no barco deles pelo mar fora, para muito longe... Está convencida de que os piratas hão de voltar à ilha e que, então, tornará a encontrá-lo... *(Pausa:)* Passa os dias fechada no quarto, a tentar dormir e sonhar o mesmo sonho, para ver Robert outra vez.

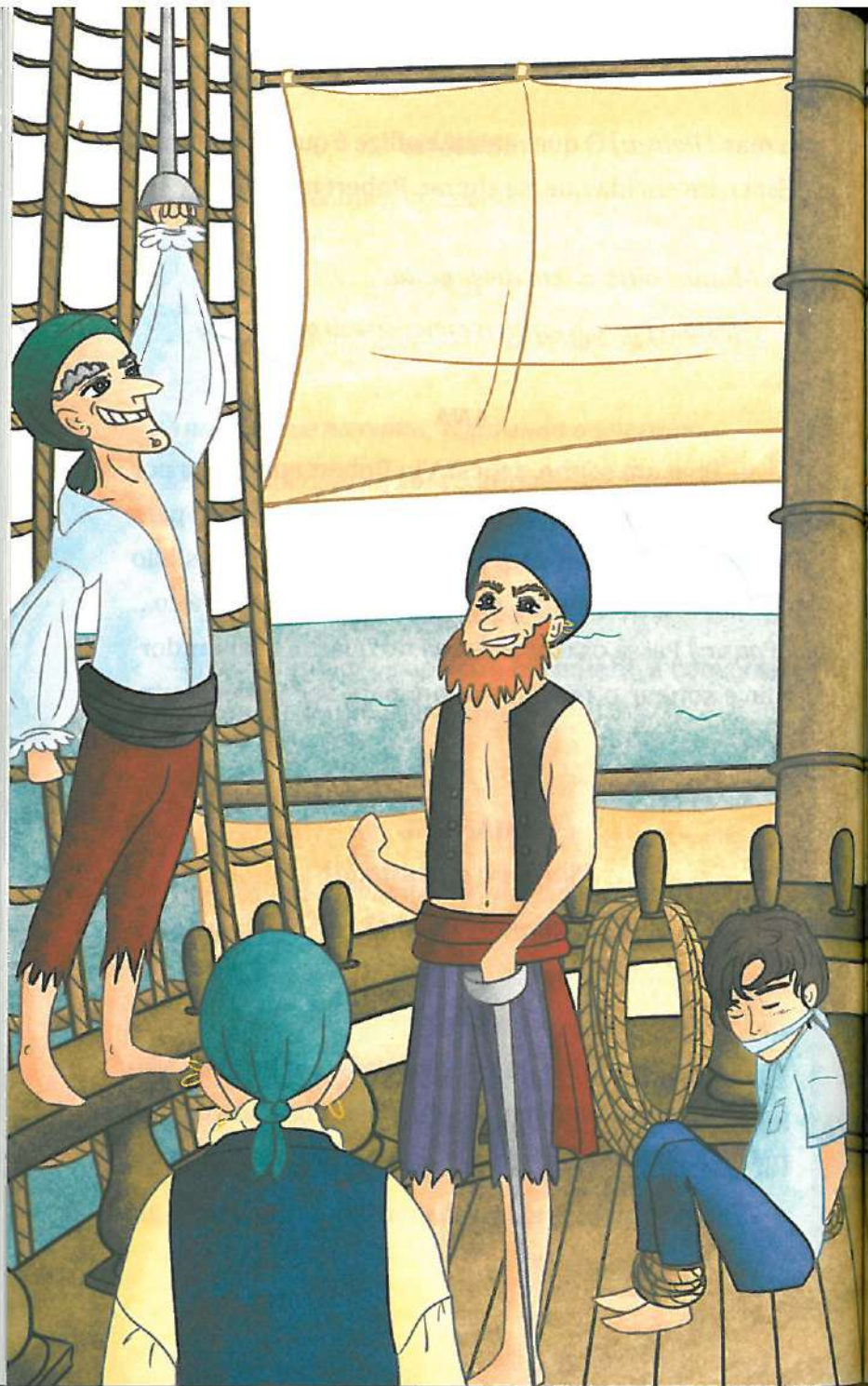
MANUEL

(Surpreso e assustado)

— Um barco de piratas? Robert?...

ANA

— Sim. Pediu-me que te contasse o sonho dela. Não quer que mais ninguém o saiba, não digas nada à tua mãe, não? Nem ao capelão que a confessa ela o contou.

**MANUEL**

— A mim? Porquê a mim?

ANA

— Não sei. Gosta muito de ti! É estranho, mal te conheço... Mas és a única pessoa da ilha de quem ela gosta.

A Mãe abre a porta e entra novamente.

MÃE

(Para Ana)

— Então a torta? Estava boa? *(Para Manuel, reparando que ele mal tocara no doce:)* Oh, Manuel, não comeste nada... Uma torta de laranja tão boa...

Ana põe-se de pé.

ANA

— Tenho que me ir embora... Lady Elisabeth pode precisar de mim...

MÃE*(Para Ana)*

— Já? *(Pegando-lhe na mão:)* Tem razão, Ana, vá, vá... Ela precisa de companhia, coitadinha.

ANA*(Para Manuel)*

— Até amanhã. Vê se ficas bom, sim?

MÃE

— Até amanhã, Ana. Eu amanhã faço um bolo para levar à senhora...

*Saem as duas.**Manuel fica de novo só.**Vira-se de lado e cobre a cabeça com os cobertores.**Extinguem-se as luzes.***Cena 9***Sótão.*

Mesmo cenário das Cenas 1 e 5. [Nota do Autor: cena de "continuação" do tempo e do lugar delas].

Ao longe, a tempestade e o gemido da ronca.

A cena começa com Manuel e Ana junto à janela, na mesma situação em que terminam a Cena 5.

ANA

— Parece que foi tudo há tanto tempo...

MANUEL

— Pois parece...

ANA

(Sentando-se sobre a arca)

— Tu é que me fizeste lembrar estas coisas... Eu não queria...

MANUEL

(Aproximando-se e ficando de pé a seu lado)

— Tu é que me pediste para eu contar...

ANA

— Eu sei, desculpa.

MANUEL

— Não estejas triste...

ANA

— Eu não estou triste.

MANUEL

— Não estejas...

ANA

(Erguendo a cabeça para Manuel)

— Nunca me tinhas falado do teu sonho, nem dos piratas...

MANUEL

— Não queria que ficasses triste... *(Pausa:)* É tudo tão confuso. Às vezes acho que foi um sonho. Mas há tantas coisas que não compreendo...

ANA

— É porque... Lady Elisabeth, lembras-te?, também sonhou com os piratas... E se o sonho dela e o teu... *(Detém-se, alarmada:)* Meu Deus!

MANUEL

(Tapando-lhe a boca)

— Não, não digas nada. Não quero ouvir.

ANA

(Libertando-se)

— Não vês que...

MANUEL

(Afastando-se de repente)

— Eu sei, eu sei. Mas não quero ouvir!

ANA

(Docemente)

— Pronto, pronto, eu não digo nada...

Manuel deixa-se cair sobre o banco, longe de Ana.

MANUEL

— Oh, Ana, se tu soubesses... Há tantas coisas que não te contei...

Ana volta-se para ele.

ANA

— Coisas que não me contaste? Mais coisas? O quê?



MANUEL

— Não quero contar...

Ana ergue-se e aproxima-se dele.

ANA

— Tens que contar. Falaste nisso, agora quero saber...

MANUEL

— Não posso, não sou capaz...

ANA

(Insistindo)

— Conta, tens que contar! *(Sentando-se a seu lado:)*
Tem que ver com os piratas, não tem?

MANUEL

(Num murmúrio)

— Tem...

ANA

— O que é? Conta! Depressa...

MANUEL

— Não posso, tenho medo que fiques zangada comigo...

ANA

— Zangada contigo? Não sejas tolo. Nunca me hei de zangar contigo... *(Puxando o seu banco para diante dele:)* Mas tens que me contar, não podemos ter coisas escondidas um do outro...

MANUEL

(Endireitando-se)

— Pronto, eu conto. *(Encara Ana e, depois, baixa os olhos para o chão:)* Lembras-te do dia em que me encontrei na praia com aquele pescador?

ANA

— Com o velho maluco?

MANUEL

— Sim, aquele que estive na América... *(Pausa:)* Ele contou-me uma coisa terrível... *(Hesita de novo:)* Não sei se sou capaz de te contar...

ANA

— Conta, agora que já começaste tens que me contar tudo!

MANUEL

(Pondo-se de pé bruscamente)

— Ele falou-me do meu sonho!

ANA

— Do teu sonho? Do sonho dos piratas? O velho? Mas... Como... é que ele podia saber?...

MANUEL

— Não sei... Sabia tudo... Perguntou-me se, depois do sonho, eu tinha adormecido outra vez... Disse-me

86 que eu devia ter adormecido outra vez, porque os piratas regressaram.

ANA

(Incrédula)

— Os piratas? Falou-te dos piratas?

MANUEL

— Sim. Contou-me que ia para a cabana dele e que viu o barco dos piratas a rondar novamente a ilha e pensou: “O rapaz deve ter adormecido outra vez!”

ANA

— Mas... Não é possível... Não faz sentido...

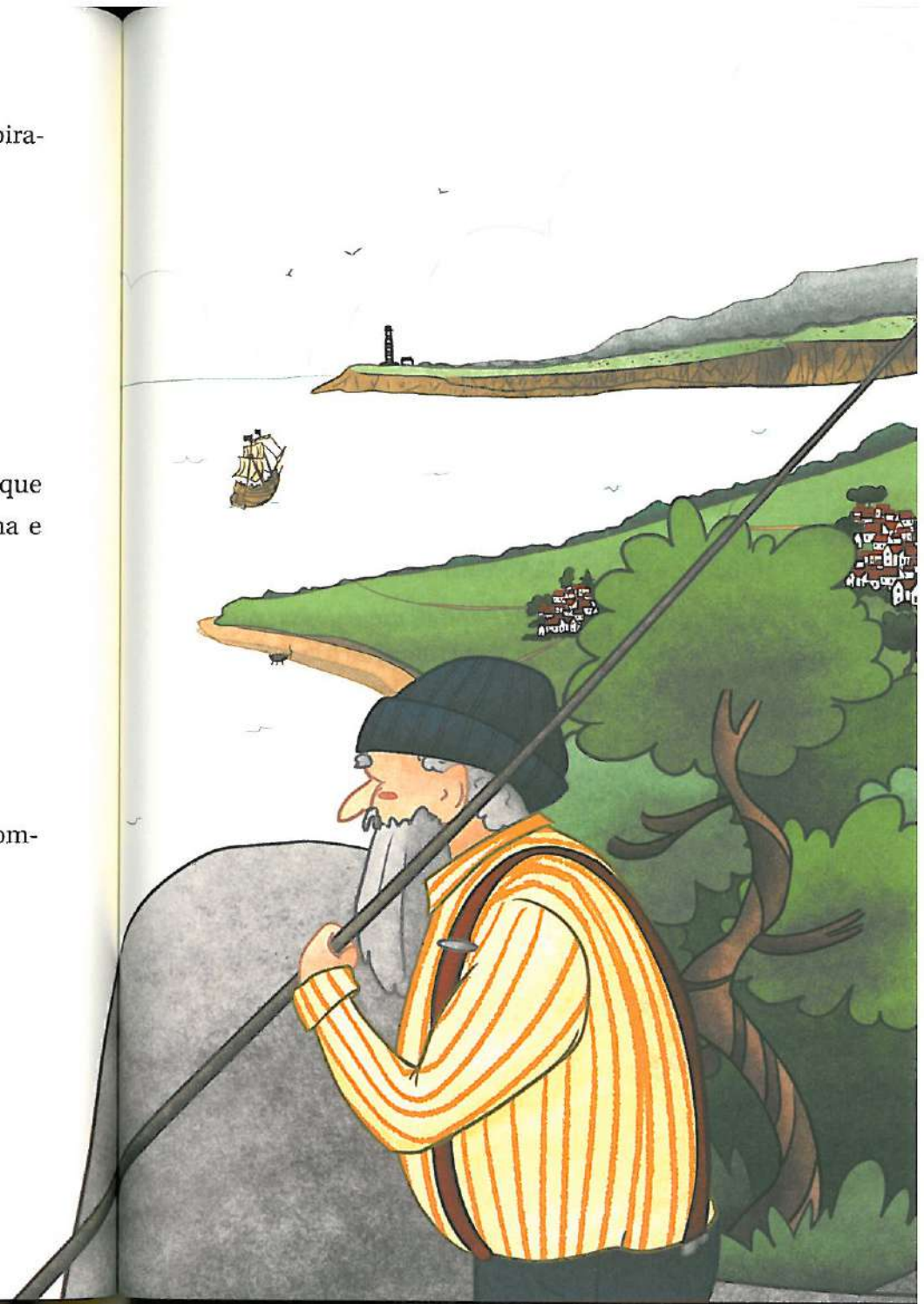
MANUEL

— Eu sei... Por isso é que te disse que não compreendia...

ANA

(Ansiosa)

— E que mais? O que é que ele disse mais?



MANUEL

(Num fôlego, sem se deter)

— Disse que se escondeu nos rochedos a espreitar, e que viu os piratas descerem um bote. E que o Capitão gritava com eles que procurassem o grumete! Que os enforcava a todos se eles não encontrassem o grumete!

ANA

— Mas... O grumete...

MANUEL

— Sim, eu... Foi o que o Capitão me chamou no sonho...

ANA

— Não pode ser...

MANUEL

— Pois não!

ANA

— E depois?...

MANUEL

— Disse-me que os piratas andaram de um lado para o outro à minha procura e que, a certa altura, deram com um rapaz estendido entre as rochas e que pegaram nele e o levaram. Convenceram-se de que era eu, e que tinha caído e desmaiado! Meteram-no no barco e tornaram a zarpar para o mar! *(Num murmúrio:)* Um rapaz mais ou menos como eu, da minha idade...

ANA

(Num grito sufocado)

— Robert! Levaram mesmo Robert! Mas...

MANUEL

(Agarrando-se a Ana)

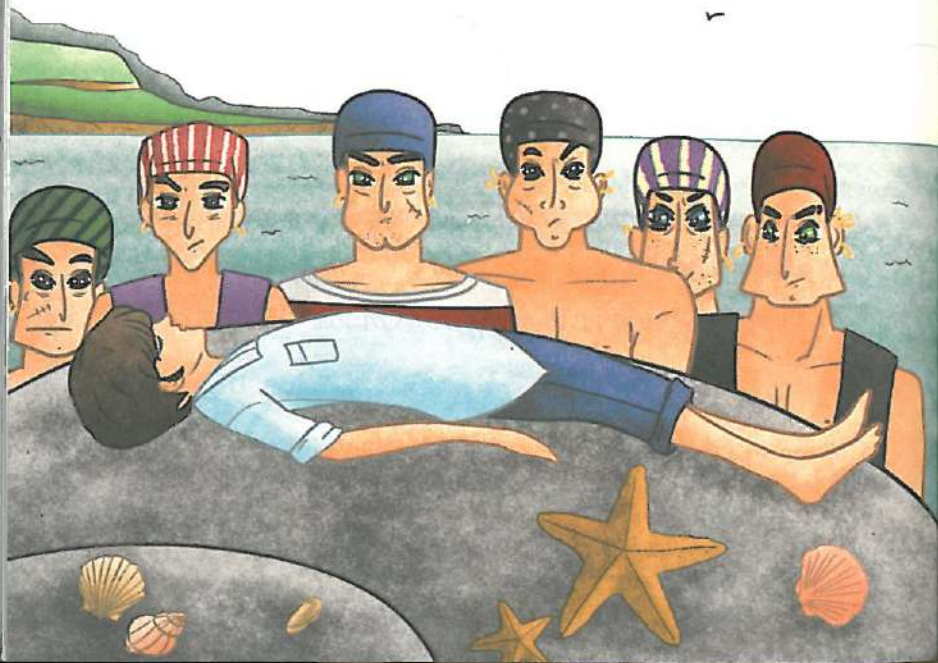
— Vês, vês? Por isso é que eu não te queria contar.

Ana pôs-se também de pé e encostou-se à janela com os olhos fechados.

Manuel segura a cabeça entre as mãos.

MANUEL

— Desculpa, Ana, desculpa! Eu não tive culpa, eu não tive culpa... Se calhar é tudo mentira, ele não podia saber do meu sonho nem dos piratas...

**ANA**

(Voltando-se para Manuel)

— Mas então... O sonho de Lady Elisabeth... Robert a ser levado pelos piratas... *(Deixa-se cair sobre a arca, confundida e angustiada:)* Meu Deus! Eles levaram mesmo Robert!!

MANUEL

— Não pode ser, Ana, não pode ser! Foi um sonho, foi só um sonho!

ANA

— Julgaram que eras tu! Levaram Robert!!... *(Abandonando a cabeça:)* Não pode ser! Os piratas não existem! Foi tudo um sonho! Como é que o velho sabia? Não pode ser, não compreendo...

MANUEL

(Muito aflito)

— Pois não. Não pode ser...

ANA

— Meu Deus...

MANUEL

— Vês? Não devia ter-te contado...

ANA

— Fui eu que te pedi, tinhas que contar. Mas...
(*Agarra Manuel pelos braços:*) Agora não contes a mais ninguém, não?! Nunca contes isto a ninguém! (*Metendo a cabeça entre as mãos:*) Meu Deus...

MANUEL

— Eu não conto, juro!

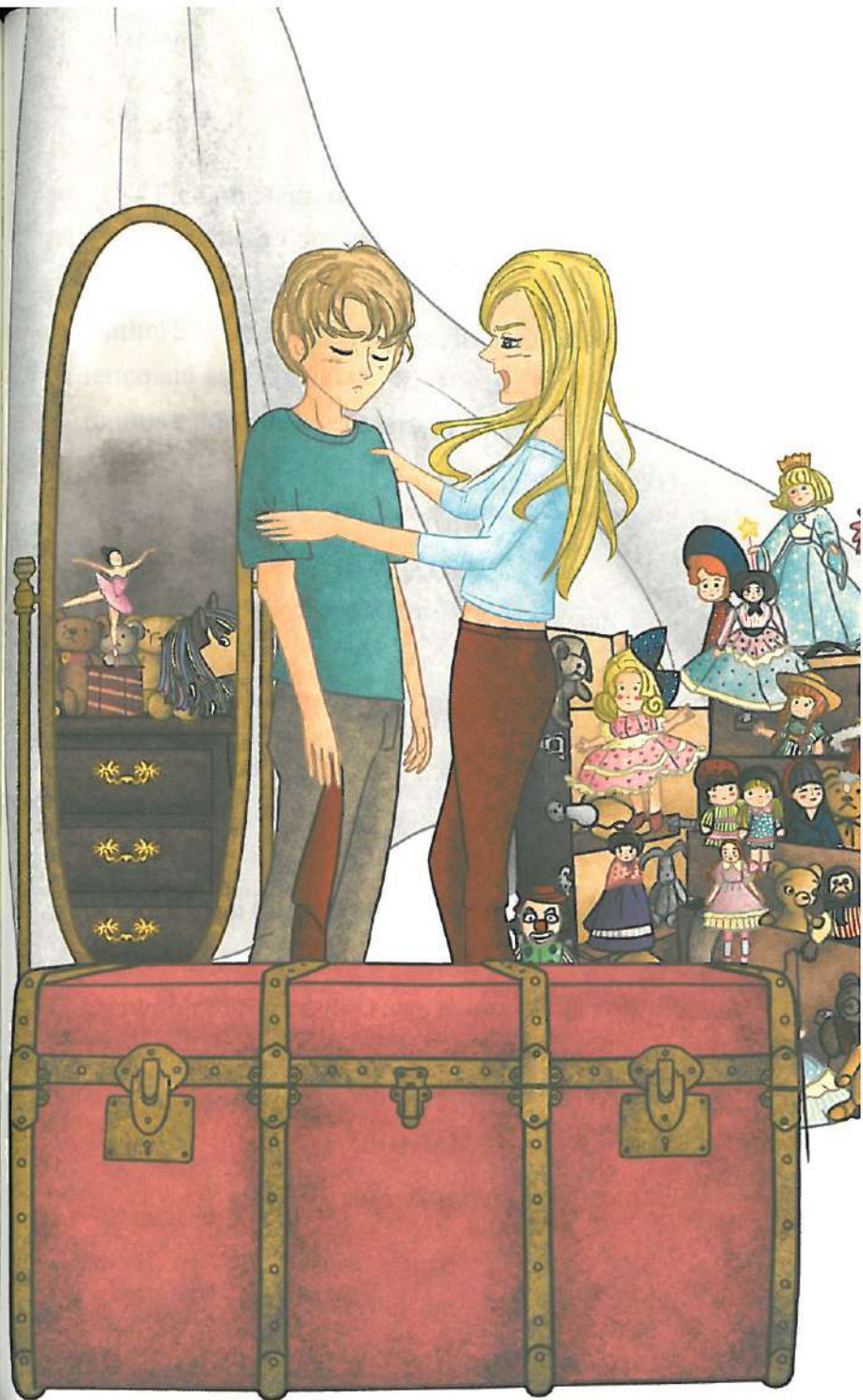
A chuva volta a cair com força, e as cortinas estremecem de novo com o vento. A ronca geme mais alto.

Manuel e Ana estão agora parados, de pé, diante da janela, olhando a rua.

Manuel põe os braços sobre os ombros de Ana.

Ficam os dois longamente em silêncio.

Ana volta-se devagar e caminha em direção à arca.



ANA

(Pegando no lenço vermelho)

— Dás-mo, Manuel?

Manuel volta-se também.

MANUEL

— O quê? O lenço?...

ANA

— Sim, dás-mo?

MANUEL

— Claro que dou. Mas...

ANA

(Guarda o lenço e aproxima-se de novo de Manuel e da janela)

— Nunca mais contes estas coisas a ninguém, está bem?

MANUEL

— Eu nunca mais conto... Mas...

ANA

— Fica um segredo só nosso... Foi tudo um sonho, acho eu... Não compreendo mas foi de certeza tudo um sonho... O naufrágio, os piratas, tudo, foi tudo um sonho! Só pode ter sido um sonho! Se deitarmos fora o lenço até esta conversa foi um sonho... Amanhã acordamos e não nos lembramos de nada...

*Lado a lado, os dois ficam, como no início da peça, olhando em silêncio a rua e a chuva a bater nas vidraças.**Manuel põe o braço sobre os ombros de Ana.**As luzes, lentamente, extinguem-se.*